

**ESTUDO PRELIMINAR DOS CLASSIFICADORES NOMINAIS NOS  
NOMES DA FAUNA E DA FLORA EM MUNDURUKÚ (TUPÍ)**

*PRELIMINARY STUDY OF NOMINAL CLASSIFIERS IN THE NAMES  
OF FAUNA AND FLORA IN MUNDURUKÚ (TUPÍ)*

Edilson Pinheiro da COSTA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados preliminares de um estudo sobre os classificadores nominais na língua Mundurukú (Tupí), morfemas que, atrelados à outra raiz também nominal, fazem referência à forma do objeto designado pelo nome formado (CROFTS, 1985/2004). Apresentamos seus aspectos semânticos: são nomes usados metaforicamente (MARTINES, 2007); e morfossintáticos: são incorporados aos numerais, demonstrativos e verbos (COMODO, 1981). Propomos um conjunto, 11 raízes nominais, no total, e um agrupamento deles, definido por critérios semânticos, em 4 subgrupos: os que indicam somente forma; os que indicam somente consistência; os híbridos, que indicam forma e consistência; e os outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mundurukú; classificadores nominais.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to present the preliminary results of a study about the nominal classifiers in Mundurukú (Tupi) language, morphemes, when tied to a nominal root, refers to the shape of an object designated by the formed name (CROFTS, 1988/2004). In addition, we present their semantic aspects: when names are used metaphorically (MARTINES, 2007); and morphosyntactic aspects: when names are incorporated into numerals, demonstratives and verbs (COMODO, 1981). This article proposes a set of 11 nominal roots and a grouping defined by semantic standard, in 4 subgroups: those that indicate form; those that indicate only consistency; the hybrids, which indicate shape and consistency; and others.

**KEYWORDS:** Mundurukú; classifiers.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras, na Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. Bolsista PIBIC/UFPA. E-mail: edilsonpinheiro12@gmail.com. Orientadora: Profª. Dra. Gessiane Lobato Picanço (PPGL/UFPA).

## 1 Introdução

A língua Mundurukú possui um sistema de classificação nominal. Um classificador nominal (CLF), de maneira ampla, é um morfema que, anexado a uma raiz nominal, a modifica fazendo referência a um traço característico da forma do objeto designado pelo nome formado (MARTINES, 2007).

Este artigo propõe-se a apresentar uma análise linguística do inventário de classificadores da língua Mundurukú em seus aspectos semânticos e morfossintáticos. Uma revisão de estudos anteriormente produzidos faz-se necessária, como Comodo (1981), Crofts (1985/2004), Martines (2007) e Gomes (2006), uma vez que não há um acordo entre esses estudos no que diz respeito ao número de classificadores nominais em Mundurukú e, além disso, percebe-se claramente uma indefinição de critérios para considerar essas raízes nominais como classificadoras — toda essa discussão será melhor desenvolvida mais adiante, na seção de revisão da literatura. A incerteza do número de classificadores e dos critérios utilizados para definir nomes de parte como tal foi a principal motivação para o desenvolvimento do presente estudo, que nos fez elaborar as seguintes hipóteses:

- 1) há um grupo fechado de nomes de partes que podem ser usados como classificadores nominais;
- 2) o critério semântico é o decisivo para afirmar uma raiz nominal como classificador ou não;
- 3) há classificadores que ocorrem em uns domínios semânticos mas não em outros, o que nos permitiria criar uma escala partindo do mais abrangente para o mais restrito.

A fim de investigar tais hipóteses, traçamos os objetivos abaixo elencados:

- A. proceder a um levantamento dos conjuntos de classificadores presentes em trabalhos anteriores;
- B. identificar os critérios que devem ser usados para estabelecer um nome de parte como um classificador;
- C. estabelecer um conjunto de classificadores para a língua Mundurukú mais restrito que os apresentados em descrições prévias sobre o tema, tais como Comodo (1981), Crofts (1985/2004) e Martines (2007);

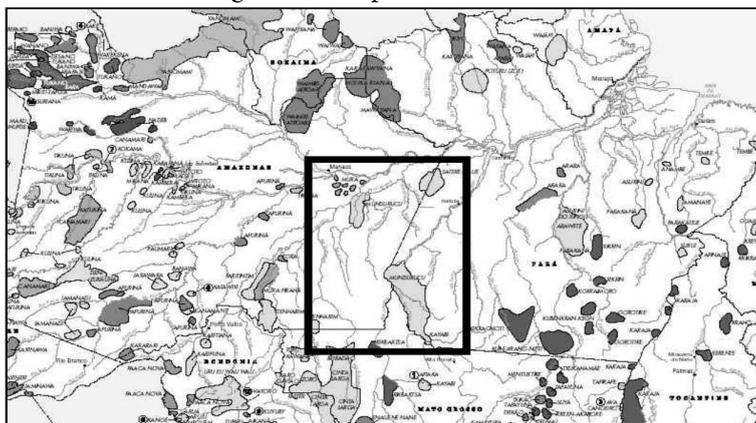
D. identificar os classificadores que ocorrem nos domínios semânticos fauna e flora.

Por fim, o presente estudo está estruturado da seguinte maneira: a próxima seção trata de uma breve introdução sobre a língua Mundurukú (seção 2). Em seguida, na seção 3, apresenta-se uma revisão da literatura sobre o tema, com os trabalhos disponíveis consultados. A seção 4 contém as bases teóricas do estudo. A metodologia empregada na formação do *corpus* analisado é apresentada logo após, na seção 5, seguida dos resultados preliminares deste estudo (seção 6). Caminhando para o fim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

## 2 A Língua Mundurukú

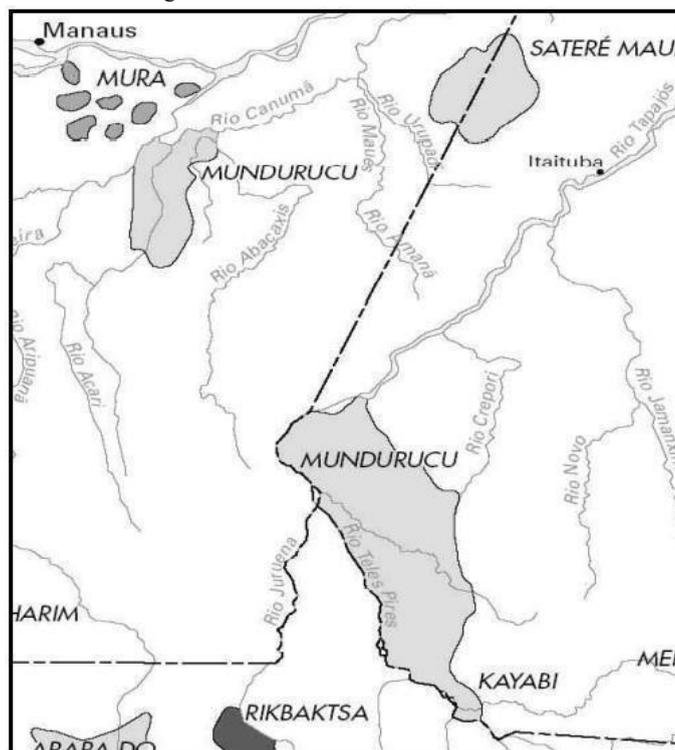
Mundurukú é uma língua da família de mesmo nome, que integra as 10 famílias linguísticas do tronco Tupí (MOORE; GALUCIO; GABAS, 2008). Comunidades Mundurukú estão presentes nos estados do Amazonas, Mato Grosso e Pará. Contudo, não é em todos esses estados que encontramos falantes da língua. Na Terra Indígena Kwatá-Laranjal, no AM, por exemplo, a língua já deixou de ser falada há pelo menos três gerações, e agora tenta-se sua retomada por meio de cursos de revitalização.

Figura 1 - Mapa da Amazônia



Fonte: Picanço (2005, p. 04)

Figura 2 - Territórios Mundurukú



Fonte: Picanço (2005, p. 04)

A língua Mundurukú possui uma morfologia muito rica, que conta com um sistema de classificação nominal, objeto de estudo deste trabalho; além de uma fonologia característica, sendo uma língua tonal e a única do tronco Tupi a contar com o fenômeno de laringalização contrastiva, isto é, fonológica (PICANÇO, 2008).

A língua conta com um número expressivo de estudos, sobretudo linguísticos. Além das duas gramáticas produzidas pela missionária Marjorie Crofts, uma publicada em 1973; outra em 1985 (revisada em 2004), como estudos extensos e mais recentes, encontramos a tese de doutorado de Gessiane Picanço (2005) e a tese de Dionei Gomes (2006). A primeira apresenta um estudo aprofundado da fonologia Mundurukú, contestando a presença de quatro níveis tonais (o que é defendido por Crofts em ambas as gramáticas) ao propor a presença de apenas dois tons e mostrando que, assim como a nasalização, a laringalização é contrastiva em Mundurukú. Gomes (2006), por sua vez, produz um estudo abrangente da morfologia e da sintaxe Mundurukú, abordando aspectos morfológicos e sintáticos das classes de palavras atestadas nessa língua.

Na seção seguinte, será aprofundada a discussão sobre os aspectos morfossintáticos do Mundurukú, com foco nos nomes classificadores.

### 3 Revisão da Literatura sobre o Tema

Em sua Gramática Mundurukú, Crofts (1973, p. 54) define os classificadores como “um grupo de umas 50 raízes substantivas” que são incorporadas, em sintagmas nominais (SN), nos numerais e nos demonstrativos; e, em sintagmas verbais (SV), na estrutura do verbo.

Segundo Crofts (1985/2004), as “partículas incorporadas” (expressão usada para se referir aos classificadores nominais) podem ser divididas em três subgrupos, com base em critérios de natureza fonológica: o primeiro deles é composto pelas partículas que começam por *d-/n-*; o segundo, pelas iniciadas por *'a-/ 'u-/ 'i-*; e o terceiro e último é composto por todas as demais partículas.

Como bem se pode perceber, a palavra “partícula” é usada para se referir aos classificadores. A escolha por parte da autora de se referir aos CLF por “partícula” justifica-se por ela apenas levar em consideração o fato de os classificadores serem incorporados à esquerda dos verbos e à direita dos numerais e pronomes demonstrativos. Isto é, a autora define os classificadores dando mais relevância ao critério morfossintático. Essa classificação de Crofts (1985/2004) é ampla, já que, como se verá mais adiante, tal critério, sozinho, parece não ser suficiente para classificar um nome incorporado como um classificador.

Martines (2007) aborda uma questão relativa à natureza desses nomes ao argumentar que seu uso é metafórico: “o uso das locuções formadas pelos classificadores e, até seu uso isolado, é possível pelo deslocamento de significado ocorrido graças à carga metafórica que os mesmos adquiriram” (p. 66). Para ele, o uso dos nomes classificadores funciona da seguinte forma:

Ao compor o significado através dos classificadores, a metáfora aparece como instrumento preponderante na atribuição do significado. Dessa forma, se perguntarmos a um falante de Mundurukú porque ele chama abreviadamente a uma estrela de ‘ta’, semente, ele, recuperando essa relação associativa, dirá que é porque as estrelas parecem pequenas sementes. Todos

os substantivos que indicam a forma de semente possuem o sufixo ‘-ta’. Mas, ao perguntar-lhes por que semente é nomeada com a mesma palavra, ele dirá que é ‘porque sim...’ (p. 53).

Martines (2007) não trata dos classificadores por outra perspectiva que não a semântica. Com relação à morfologia ou à sintaxe desses nomes, apenas afirma, tal como Crofts (1985/2004), que são morfemas anexados às raízes de outros nomes e que podem substituí-los, fazendo referência anafórica a eles, em outras partes da oração ou mesmo do discurso.

Antecedendo o trabalho de Martines (2007), Comodo (1981) apresentou um estudo mais voltado à morfossintaxe dos nomes classificadores. Morfossintaticamente, então, essas raízes classificadoras foram definidas como um grupo que “tem a propriedade de repetir-se nos constituintes sintáticos imediatamente vinculados aos nomes que as têm como base”, sendo repetidas “nos demonstrativos e nos quantificadores” e “na estrutura do verbo” (p. 9), como é possível visualizar nos exemplos abaixo. Foram acrescentadas as separações morfológicas e glosas correspondentes.

- (1) xepxep-**pa**      ako-**ba**  
NUM-CLF      pé de banana-CLF  
‘duas bananas’      (p. 11)
- (2) ija-**ba**      ako-**ba**  
DEM-CLF      pé de banana-CLF  
‘essa/esta banana’      (p. 22)
- (3) wexik-’a      o’-**ya**-’at  
batata-CLF      3-CLF-cair  
‘a batata caiu’      (p. 11)

Para Comodo, portanto, o que caracteriza uma raiz como classificadora é o fato de ela se repetir/incorporar aos outros constituintes da sentença mais proximamente vinculados ao nome núcleo de um sintagma nominal (SN) ao qual a raiz classificadora é presa. E, semanticamente, todas as raízes que “indicam a forma física sob a qual se apresenta ou é considerado o objeto designado pelo tema” (p. 10).

A impressão que se tem é a de que o componente semântico é o decisivo para se afirmar que um nome é ou não um classificador, já que uma raiz como *-pa/-ba* significando tanto ‘braço’ (João ba ‘braço do João’) como ‘algo cilíndrico e rígido’ (akoba ‘banana’) obedece ao comportamento morfossintático acima explicitado. Observe os exemplos a seguir, nos quais ocorre a incorporação nominal nos verbos.

- (4)   ixe     **ba**     i-**ba**-kere  
       3     braço  3-**CLF**-ser.aleijado  
       ‘o braço dele é aleijado’<sup>2</sup>
- (5)   waje-**ba**i-**ba**-’op  
       cacau-**CLF**     3-**CLF**-estar.maduro  
       ‘o cacau está maduro’<sup>3</sup>

Nos exemplos acima, *-pa/-ba*, independentemente de significar ‘braço’ ou ‘objeto cilíndrico e rígido’, é incorporado à esquerda dos verbos. Percebe-se, portanto, que o componente morfossintático não se mostra suficiente para classificar uma raiz nominal como classificadora ou não, ao passo que o critério semântico se mostra importante para tal diferenciação.

Essa posição é defendida por Gomes (2009), quando afirma que os nomes usados, quer em função classificadora, quer em função não classificadora, compartilham da mesma morfologia. De acordo com o autor, não há nenhum traço morfológico que diferencie os nomes desempenhando esta ou aquela função. Assim, não se pode falar de uma classe de palavras sob o rótulo de “classificadores”.

Por outro lado, Gomes (2006) apresenta um aspecto morfossintático que, segundo ele, diferencia classificadores de nomes de parte. É a incorporação por subida, o único fenômeno mostrado nos trabalhos sobre os classificadores em Mundurukú como uma possibilidade de diferenciar nomes de parte de nomes classificadores. Esse tipo de incorporação caracteriza-se pela não repetição do nome, incorporado no verbo, no sintagma nominal de onde foi “retirado”. Uma vez incorporado o nome no verbo, ele não é mantido no sintagma nominal de

<sup>2</sup> Fonte: arquivos pessoais de Picanço.

<sup>3</sup> Fonte: arquivos pessoais de Picanço.



englobará todos os seis classificadores apresentados por esse autor; além de outros. Abaixo, a lista adaptada<sup>4</sup> fruto da comparação entre Comodo (1981), Crofts (2004) e Martines (2007):

01.	-tup/-dup	‘objeto em formato de folha’
02.	-pu/-bu	‘objeto em forma de dedo’
03.	-ta/-da	‘objeto em forma de semente’
04.	-pa/-ba	‘objeto em forma de braço’
05.	-’uk	‘objeto oco’
06.	-’a	‘objeto redondo ou arredondado’
07.	-’ip	‘qualquer árvore ou algo feito dela’
08.	-i	‘qualquer noz ou castanha’
09.	-ti/-di	‘objeto em forma líquida’
10.	-tot/-dot	‘objeto em forma de cacho’
11.	-tip/-dip	‘qualquer plantação’
12.	-tit/-dit	‘qualquer flor’
13.	-tap/-dap	‘cobertura de cabelo/pelo ou o próprio’
14.	-akanasu	‘qualquer tipo de chifre’
15.	-togtapi/-nogtapi	‘ferrão de alguma coisa’
16.	-tiḡ/-diḡ	‘qualquer tipo de fumaça’
17.	-tōm/-nōm	‘qualquer massa ou mingau’
18.	-a’o	‘voz de algo ou alguém’
19.	-tano/-nano	‘objeto em forma de tala’
20.	-tabōe/-nabōe	‘qualquer brasa’
21.	-xep	‘objeto em forma de banha, gorduroso’
22.	-toti/-doti	‘qualquer placenta’
23.	-taypa/-daypa	‘graveto/lenha miúda’
24.	-aguy	‘qualquer pensamento’
25.	-aweg	‘notícias ou informações de algo ou alguém’
26.	-tei/-dei	‘valor de alguma coisa’
27.	-biōgbuk	‘alma/espírito/retrato’
28.	-bido	‘qualquer vento’
29.	-’it	‘qualquer criança ou filhote’
30.	-ka	‘maloca/lugar’
31.	-kuy	‘qualquer buraco’
32.	-pi	‘dor’
33.	-butet	‘nome de algo’
34.	-ibut	‘qualquer rastro’
35.	-badip	‘qualquer parente’

<sup>4</sup> Como se pode perceber, existe uma alternância de vozeamento nas consoantes iniciais. Isso acontece porque existe um condicionamento fonológico que modifica a consoante inicial desses nomes. Se precedidos de uma consoante (um nome ou prefixo que termine em um som dessa natureza), o nome ocorrerá com a consoante inicial surda; se precedido de vogal, ocorrerá com a consoante inicial sonora.

Acreditamos que essa lista seja demasiadamente ampla, por isso um de nossos objetivos é investigar se, além da diferença semântica, há diferença no comportamento morfossintático desses nomes quando são classificadores e quando são apenas nomes de parte, como afirma Gomes (2006, 2009), ou se todos se comportam da mesma forma, como implicitamente defendem Comodo (1981) e Crofts (1985/2004). Para testar esses nomes, precisamos de critérios bem definidos. O critério semântico mostra-se muito produtivo para classificar uma raiz nominal como classificadora ou não, mas é preciso investigar outros critérios, como o morfossintático. Sobre este, parece haver um consenso de que uma raiz nominal inalienável, seja ela classificadora ou não, é incorporada à direita dos numerais e pronomes demonstrativos e à esquerda dos verbos. Entretanto, outros aspectos morfossintáticos ainda devem ser investigados para que se saiba a relevância desse critério na determinação de uma raiz como classificadora (ou não). Como mencionado, Gomes (2006, 2009) apresenta a incorporação por subida como um aspecto que diferencia classificadores de nomes de parte. Essa é a lacuna que ainda persiste em nossa pesquisa. Estamos em busca de testes que possibilitem o avanço do trabalho nesse sentido e pretendemos testar todos os nomes da lista acima exposta seguindo o que Gomes estabelece como critério que diferencia os classificadores dos demais nomes de parte.

#### **4 Bases Teóricas do Estudo**

Os classificadores nominais são raízes nominais, morfologicamente inalienáveis, que se referem a partes de um todo — seja de vegetais, como *-tup/-dup* ‘folha’ e *-ta/-da* ‘semente’; ou do corpo humano, como *-pu/-bu* ‘dedo’, *-pa/-ba* ‘braço’. As raízes desse tipo são usadas tanto em sentido literal quanto em sentido metafórico<sup>5</sup>. Assim, os nomes classificados são constituídos, morfologicamente, de duas raízes nominais: uma principal, que atestamos a

---

<sup>5</sup> Além disso, alguns desses nomes apresentam duas formas: *-tup/-dup*, *-tot/-dot*, *-ti/-di*, *-tiḡ/-diḡ*, *-pu/-bu*, *-pa/-ba* e *-ta/-da*. Isso acontece porque a ocorrência de uma ou outra forma é fonologicamente condicionada. As primeiras formas, iniciadas por consoantes surdas, seguem consoantes; enquanto as segundas formas, iniciadas por consoantes sonoras, seguem vogais e glides (CROFTS, 1985/2004).

ocorrência independente em alguns contextos — como *ako* ‘pé de banana’ e *akay* ‘pé de taperebá’; e uma presa, denominada de classificadora — como *-‘a* ‘redondo ou arredondado’ —, a qual somente encontramos morfologicamente presa a outro nome.

Nesse sentido, algumas raízes nominais inalienáveis, mas não todas, assumem o papel de classificadores nominais ou “nomes em função classificadora” (GOMES, 2006; 2009). Tal uso se dá por meio de um fenômeno metafórico (MARTINES, 2007). Quando uma raiz nominal assume a função de classificador, sufixa-se a outra raiz nominal, dando origem a uma palavra composta, na qual o significado da segunda raiz modifica/especifica o significado da primeira.

- (8) *ako* ‘pé de banana’ (raiz principal)  
*ako-ba* ‘banana’ (fruta)  
*ako-dot* ‘cacho de banana’  
*ako-‘ip* ‘bananeira’  
*ako-dup* ‘folha de bananeira’ (MARTINES, 2007, p. 64)

Seguindo esse raciocínio, já que, semanticamente, os classificadores são usados de forma metafórica, só podemos classificar uma raiz nominal como classificadora quando confrontamos duas ocorrências dessa mesma raiz: uma em sentido literal e outra em sentido metafórico, como é o caso de *-tup/-dup* ‘folha’:

- (9) *akay-dup*  
 pé de taperebá-**folha**  
 ‘folha do taperebazeiro’
- (10) *warepupu-dup*  
 borboleta-**CLF**  
 ‘borboleta’

Vemos, então, explicitamente o uso de uma mesma raiz nominal, em contexto fonológico (as raízes em questão são postas após sons [+ voz], o que motiva ser *-dup* e não *-tup*) e morfológico semelhantes (estão ambas sufixadas a outra raiz nominal), mas semanticamente distintos: no exemplo (9), usada em sentido primitivo ‘folha’; no exemplo (10), em sentido metafórico ‘algo em

formato de folha’. Dessa forma, *-tup/-dup* configura-se como uma raiz que desempenha função classificadora; enquanto que o classificador *-tit/-did* ‘flor’, por exemplo, não se configura como tal, por ser atestado em seu uso apenas o significado primitivo — embora seja apresentado como um classificador pelos autores acima mencionados.

- (11) ako-**dit**  
banana-**flor**  
‘flor de banana’ (CROFTS, 2004, p. 301)
- (12) mususk-**tit**  
mandioca-**flor**  
‘flor de mandioca’ (CROFTS, 2004, p. 301)

#### 4.1 Morfossintaxe dos classificadores

Segundo Martines (2007), o Mundurukú é uma língua classificadora de concordância, pois

A língua Mundurukú apresenta uma série de raízes nominais que têm a propriedade de repetir-se nos constituintes sintáticos imediatamente vinculados aos nomes que as têm como base. Especificamente, no âmbito da locução nominal a raiz classificadora que é base do núcleo da locução se repete nos demonstrativos e nos quantificadores; no âmbito da oração, a raiz classificadora que é base do nome ou da locução nominal afetada pelo predicado (i.e., sujeito de verbo intransitivo ou descritivo, ou objeto de verbo transitivo) se repete na estrutura do verbo (COMODO, 1981, p. 9).

Retirados de Comodo (1981), os exemplos a seguir ilustram o fenômeno de incorporação dos classificadores nos numerais (13) e (14), nos demonstrativos (15) e (16) e nos verbos (17) e (18).

- (13) xepxep-**pa**      ako-**ba**  
NUM-**CLF**      pé de banana-**CLF**  
‘duas bananas’ (p. 11)
- (14) ebapũg-**pu**      bõrõ-**bu**  
NUM-**CLF**      algodão-**CLF**  
‘três linhas’ (p. 22)

- (15) **ija-ba** **ako-ba**  
 DEM-CLF pé de banana-CLF  
 ‘essa/esta banana’ (p. 22)
- (16) **ibo-'a** **uk-'a**  
 DEM-CLF casa-CLF  
 ‘aquela casa’ (p. 22)
- (17) **xepxep-pa** **ako-ba** **o'-su-ba-'o**  
 NUM-CLF banana-CLF 3SU-3-CLF-comer  
 ‘ele comeu duas bananas’ (p. 11)
- (18) **ako-ba** **o'-su-ba-dop** **kobe** **be**  
 banana-CLF 3SU-3-CLF-ficar canoa em  
 ‘a banana ficou na canoa’ (p. 29)

Como já mencionado acima, sobre a morfossintaxe dos classificadores nominais, a incorporação nos numerais, nos pronomes demonstrativos e nos verbos é mencionada por todos os autores selecionados para nortear esta pesquisa. É fato, também, que esse comportamento morfossintático não se mostra eficiente na diferenciação entre raiz classificadora e raiz não classificadora, como se demonstrou nos exemplos (4) e (5) acima. O único fenômeno morfossintático que é capaz de promover a diferenciação em questão é a incorporação por subida (GOMES, 2006; 2009). É preciso testar a lista que separamos para que tanto o comportamento morfossintático apresentado por Gomes (2006; 2009) como outros (que ainda estamos selecionando) sejam visualizados e atestados.

Nesse sentido, julgamos necessário um estudo mais aprofundado da morfossintaxe dos classificadores. Consideramos pertinente, por exemplo, uma investigação sobre a relação posicional desses morfemas classificadores com morfemas gramaticais, como o de plural *-yũ*. O morfema gramatical ocorre entre a raiz principal e o classificador ou segue este último? Tanto esse quanto outros fenômenos morfossintáticos que não se resumam à incorporação dos classificadores nos verbos devem ser investigados em momentos posteriores.

## 5 Metodologia

Como explicitado na introdução, a investigação aqui apresentada insere-se no hall da análise linguística. Sendo assim, foi necessária a formação de um *corpus* que possibilitasse a análise dos classificadores nominais em Mundurukú. Para tanto, foram feitas coletas de campo em documentos pessoais do acervo da orientadora, Profa. Dra. Gessiane Picanço. Também foram coletados nomes presentes em fontes bibliográficas, como os trabalhos referidos durante todo o texto. Essas coletas nos renderam uma lista de 219 nomes dos domínios semânticos fauna e flora, os quais estão armazenados no programa FLEx (Fieldwork Language Explorer).

Para a análise aqui apresentada, também fizemos uma revisão de trabalhos anteriores que abordaram os classificadores nominais em Mundurukú — o que está disposto na seção “Revisão da literatura sobre o tema”. Seleccionamos as abordagens que mais se adequaram ao nosso ponto de vista, com destaque para Martines (2007), e temos seguido analisando a lista de palavras que temos como *corpus*. Dividimos a lista em domínios semânticos menores dentro dos domínios maiores fauna e flora (frutas, plantas, peixes, insetos, etc.) Seguimos, então, com base em leituras, formulando hipóteses e consultando nosso *corpus* para confirmá-las ou refutá-las.

## 6 Resultados preliminares

Nesta seção, são apresentados os resultados preliminares sobre as hipóteses apresentadas na introdução.

Sobre o critério semântico ser o decisivo para separação raiz classificadora *versus* raiz não classificadora, como se argumentou nas seções anteriores, de fato é uma hipótese que deve ser bem investigada. Não pode ser afirmada como verdadeira antes de um estudo mais aprofundado sobre a morfossintaxe dos classificadores nominais que extrapole os muros da incorporação nos numerais, nos pronomes demonstrativos e nos verbos. Inclusive porque Gomes (2006, 2009) apresenta um tipo de incorporação, a incorporação por subida, como tão produtiva quanto o critério semântico para fazer essa diferenciação. Existe uma

necessidade de ampliar essa análise. Os dados que corroboram essa hipótese, até o momento, são insuficientes.

Acerca do conjunto de classificadores que pretendemos formular, o que está diretamente ligado à hipótese anterior (sobre o critério semântico), consideramos, até o momento, 11 raízes nominais como classificadoras. O critério utilizado para chegar a esse conjunto foi o semântico: classificadores têm significados metafóricos. Todos os autores que citamos e usamos até o estágio atual de nossa investigação afirmam que os classificadores em Mundurukú dizem respeito apenas à forma dos objetos. Encontramos, entretanto, traços ligados à consistência, não à forma, como “flexível, rígido, líquido” no significado de alguns desses classificadores nominais. Por isso, diferentemente dos trabalhos anteriores, propomos o agrupamento desses classificadores em quatro subgrupos, a saber, os que indicam somente forma; os que indicam somente consistência; os híbridos, que indicam forma e consistência; e os outros classificadores que, em suma, precisam de uma revisão em seu significado. Essa nova classificação que propomos, motivada pelos conceitos semânticos expressos pelos classificadores, leva em consideração apenas os 11 que assumimos como tais. Embora os autores mencionem nos significados conceitos relacionados à consistência, por exemplo, eles ressaltam que a forma é levada em consideração. “Forma líquida”, utilizado por um dos autores, é um exemplo disso. Soa estranho, inclusive, tratar líquido como forma. Dos 35 classificadores apresentados, selecionamos os que têm significados de natureza metafórica. A partir disso, observamos os conceitos expressos por eles e propusemos a nova classificação.

Seguindo essa divisão proposta, abaixo estão detalhados um a um os classificadores que compõem nosso conjunto até o momento:

#### *Classificadores que indicam somente forma*

O classificador *-tup/-dup* tem origem no nome *-tup/-dup*, que significa ‘folha’. Como classificador, é usado para fazer referência à forma de objetos semelhantes a uma folha: planos, de pouca espessura e laminares.

(19) warepupu-**dup**

borboleta-**CLF**

‘borboleta’

(20) pako-**dup**

pacu-**CLF**

‘pacu (peixe)’

(21) ĩwap-**tup**

arraia-**CLF**

‘arraia’

O classificador *-’a* tem origem no nome *-a’a*, que significa ‘cabeça’. Como classificador, refere-se à forma de objetos redondos ou arredondados.

(22) jarāy-’**a**

pé de laranja-**CLF**

‘laranja’

(23) wapurūm-’**a**

pé de açaí-**CLF**

‘açaí’

(24) axí-’**a**

pé de pimenta-**CLF**

‘pimenta’

O classificador *-tot/-dot* tem origem em *-tot/-dot*, que significa ‘cacho’. Como classificador, refere-se à forma agrupada, semelhante a um cacho, dos objetos. Não se mostrou um classificador produtivo, pois encontramos apenas um exemplo constando seu uso classificatório.

(25) ka’ōǵ-**tot**

vassoura-**CLF**

‘vassoura’

(CROFTS, 2004, p. 301)

O classificador *-’uk* deriva do nome *-’uk*, que significa ‘barriga/ventre’. Como classificador, refere-se à forma oca dos objetos. Esse classificador não foi

atestado na nossa lista de nomes de fauna e flora, sendo mais produtivo, ao que parece, em nomes de artefatos culturais.

(26) kio-'**uk**  
flauta-**CLF**  
'flauta'

(27) mägera-'**uk**  
mangueira-**CLF**  
'mangueira (de água)' (GOMES, 2009, p. 8)

*Classificadores que indicam somente consistência*

O classificador -'ip deriva do nome -'ip, que significa 'pau/árvore'. Como classificador, refere-se a objetos feitos de pau (madeira).

(28) daxa-'**ip**  
lenha-**CLF**  
'fósforo'  
(CROFTS, 2004, p. 301)

(29) rapi-'**ip**  
lápiz-**CLF**  
'lápiz'  
(GOMES, 2006, p. 176)

O classificador -ti/-di tem origem no nome *ibidi*, cujo significado é 'rio/água'. Como classificador, refere-se à consistência líquida dos objetos.

(30) kape-**di**  
pé de café-**CLF**  
'café (líquido)'

(31) kağa-**di**  
pé de cana-**CLF**  
'garapa'

O classificador -tiğ/-diğ deriva de -tiğ/-diğ, 'fumaça'. Como classificador, faz referência à consistência gasosa e dispersa, semelhante à fumaça, dos objetos.

- (32) kabi-**diġ**  
céu-**CLF**  
'nevoa'
- (33) kabi-**diġ**-pu  
céu-**CLF**-**CLF**  
'sereno'
- (34) ka-**diġ**  
chão/terra-**CLF**  
'poeira'

*Classificadores híbridos: indicam forma e consistência*

O classificador *-pu/-bu* deriva do nome *-pu/-bu*, que significa 'dedo'. Como classificador, refere-se a objetos de forma fina e cilíndrica e de consistência flexível, tal como um dedo.

- (35) napēn-**pu**  
centopeia-**CLF**  
'centopeia'
- (36) musure-**bu**  
poraquê-**CLF**  
'poraquê'
- (37) puyxiri-**bu**  
sucuri-**CLF**  
'sucuri'

O classificador *-pa/-ba* deriva do nome *-pa/-ba*, que significa 'braço'. Como classificador, faz referência a objetos de forma cilíndrica e consistência rígida, semelhante a um braço.<sup>6</sup>

- (38) ako-**ba**  
pé de banana-**CLF**

---

<sup>6</sup> Esse classificador também desperta curiosidade. Acreditamos que o significado dele seja motivado, no caso das frutas pelo menos, pela forma como são geradas pelas árvores. No caso de (37) e (38), principalmente, todas são formadas direto no tronco, tal como o braço humano. Reiteramos que isso é apenas mais uma hipótese e precisa ser melhor investigada.

‘banana’

(39) waje-**ba**  
pé de cacau-**CLF**  
‘cacau’

(40) kopo-**ba**  
pé de cupuaçu-**CLF**  
‘cupuaçu’

*Outros classificadores*

O classificador *-ta/-da* tem origem no nome *-ta/-da*, cujo significado é ‘semente’. Como classificador, afirma-se, nos trabalhos consultados, que ele se refere à forma de objetos pequenos e rígidos, como uma semente. Entretanto, os exemplos em (41) e (42) contestam tal significado. O significado desse classificador parece estar relacionado com o fato de o objeto vir da terra, se desenvolver sob ela, coisa que acontece com as sementes. O significado desse classificador ainda precisa ser revisto.

(41) mukaxi-**da**  
macaxeira-**CLF**  
‘macaxeira’

(42) musuk-**ta**  
mandioca-**CLF**  
‘mandioca’

(43) poro-**da**  
carrapato-**CLF**  
‘carrapato’

O classificador *-ĩ* tem origem até o momento desconhecida. O único exemplo que temos dele está disposto a seguir:

(44) wenu-**ĩ**  
pé de castanha-**CLF**

‘castanha (fruta)’<sup>7</sup>

Por fim, sobre a hipótese de haver uma escala de classificadores, organizada a partir da presença de cada um em determinado número de domínios semânticos, é preciso de uma maior e mais detalhada análise. Entretanto, os caminhos apontam para a confirmação dessa hipótese, pois, como se pode ver acima, os classificadores *-tot/dot* (25); *-’uk* (26) e (27); e *-tiḡ/diḡ* (32), (33) e (34) não ocorrem em nomes dos domínios semânticos de fauna e flora. O primeiro parece ser mais produtivo com nomes de objetos; o segundo, com nomes de objetos e artefatos culturais; e o terceiro, com nomes de elementos da natureza.

### Considerações finais

Foram apresentados, até aqui, os resultados preliminares da pesquisa intitulada “estudo preliminar dos classificadores nominais nos nomes da fauna e da flora em Mundurukú”, na qual 219 nomes de tais domínios semânticos foram analisados para se verificar neles a presença de classificadores nominais. O resultado principal, relacionado à hipótese 3, é de que nem todos os classificadores nominais da língua ocorrem nos domínios semânticos fauna e flora. Com base em listas de classificadores fornecidas por estudos anteriores e baseando-se, principalmente, no critério semântico, definimos, neste trabalho, um grupo formado por 11 raízes nominais dessa natureza. O que caracteriza essas 11 raízes e as diferencia das demais é o fato de elas terem significados metafóricos. Dessas 11, apenas 8 tiveram ocorrência atestada em nomes de fauna e flora, sendo as raízes *-tot/dot* (25); *-’uk* (26) e (27); e *-tiḡ/diḡ* (32), (33) e (34) atestadas apenas em outros domínios semânticos.

Além disso, propomos, diferentemente dos trabalhos utilizados como base, um agrupamento dos classificadores com base na semântica deles, o que resultou em quatro subgrupos: o dos classificadores que indicam somente forma (*-tup/-dup*, *-’a*, *-tot/-dot* e *-’uk*); o dos classificadores que indicam somente

---

<sup>7</sup> De fato, *-ḡ* é um morfema separado. Isso fica provado se compararmos com as palavras para ‘pé de castanheira’, *wenu*; e para ‘ouriço’, *wenu’a* (CROFTS, 1986, p. 605). Como se vê, ele não permanece na formação de novas palavras, mas dá lugar aos outros morfemas.

consistência (-'ip, -ti/-di e -tiḡ/diḡ); o dos classificadores híbridos, que indicam forma e consistência (-pu/-bu e -pa/-ba); e o dos outros classificadores (-ta/-da e -ỹ).

Ainda, demonstramos que o critério semântico parece ser o decisivo para que se separe as raízes classificadoras das não classificadoras, pois o critério morfossintático apresentado nos estudos consultados, a incorporação desses nomes à esquerda dos verbos e à direita dos numerais e pronomes demonstrativos, não se mostrou produtiva para tal diferenciação; exceto a incorporação por subida que, de acordo com Gomes (2006, 2009), é produtiva em tal diferenciação. Por isso, também, acreditamos que um estudo mais aprofundado de aspectos morfossintáticos dos classificadores precise ser desenvolvido, o que é o próximo passo de nossa pesquisa.

Finalmente, tentamos aqui demonstrar, ao menos minimamente, o funcionamento do sistema de classificação nominal presente na língua Mundurukú (Tupí). Aspectos semânticos e morfossintáticos foram demonstrados e exemplificados durante todo o texto. Ressaltamos, também, as lacunas que existem nos estudos sobre esse tema, inclusive as presentes neste estudo.

### **Como citar este artigo?**

COSTA, E. P. Estudo Preliminar dos Classificadores Nominais nos Nomes da Fauna e da Flora em Mundurukú (TUPÍ). *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 105-126, 2022.

### **Referências**

COMODO, Cristina Helena Rohwedder. *Concordância em Mundurukú*. Dissertação – Unicamp, Campinas, 1981.

CROFTS, Marjorie. *Aspectos da Língua Mundurukú*. Brasília: Publicações do SIL, 1985. [Republicação online, 2004. Disponível em: <http://www.silbrasil.org.br/resources/archives/17033>]

\_\_\_\_\_. *Gramática Mundurukú*. Brasília: Publicações do SIL, 1973.

\_\_\_\_\_. *Mundurukú Word List*. 1986.

ESTUDO PRELIMINAR DOS CLASSIFICADORES NOMINAIS NOS NOMES DA FAUNA E DA FLORA EM MUNDURUKÚ (TUPÍ)

GOMES, Dionei Moreira. *Classificação nominal em Mundurukú: forma, função e tipologia*. Revista Liames, vol. único, p. 7-25, 2009.

\_\_\_\_\_. *Estudo morfológico e sintático da língua munduruku (Tupi)*. Tese - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MARTINES, George Vergés. *Aspecto semânticos dos nomes classificados em Mundurukú*. Dissertação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JR, Nilson. O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. *Scientific American Brasil - Amazônia (A Floresta e o Futuro)*, Brasil, p. 36 - 43, 01 set. 2008.

PICANÇO, Gessiane. *Mundurukú: Phonetics, Phonology, Synchrony, Diachrony*. Tese - The University of British Columbia, Canadá, 2005.

\_\_\_\_\_. The development of creaky voice in Proto-Mundurukú (Tupi). In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (eds.). *Contemporary Phonology in Brazil*. Inglaterra: Cambridge Scholars Publishing, 2008. P. 289-313.